

Ufac Rádio Web: ainda um desafio¹

Wagner da Costa SILVA²
Universidade Federal do Acre - Ufac

RESUMO

Este artigo discute as dificuldades para a solidificação da Rádio Web do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac. Espaço de formação para os alunos da disciplina de radiojornalismo, a iniciativa não conseguiu, quase cinco anos após a sua criação, tornar-se um ponto de divulgação efetivo para os trabalhos produzidos pelos acadêmicos, mesmo que a instituição ainda não possua uma rádio universitária. Buscou-se produzir este artigo por meio de revisão de bibliografias e entrevistas com docentes e técnicos administrativos do supracitado curso.

PALAVRAS-CHAVE: Ufac rádio web; ensino de jornalismo, radiojornalismo.

As rádios universitárias como espaço de formação: tecendo considerações

A realização de atividades práticas é um importante momento na formação de um estudante de jornalismo. Momento de aliar teoria e prática, experimentar formatos, vivenciar experiências, ouvir considerações sobre os conteúdos produzidos. Para possibilitar uma melhor formação a seus estudantes, os cursos de Jornalismo devem possuir seus jornais laboratórios, estúdios de rádio e televisão, redações modelo para internet e meios impressos.

No campo do ensino de rádio, a primeira experiência de implantação de uma emissora universitária data da década de 1950, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De acordo com Assumpção (2002), nos primeiros anos a iniciativa transmitia palestras acadêmicas, informações do observatório astronômico e servia, ainda, como um laboratório experimental para alunos do curso de Engenharia.

Com o passar do tempo, o número de emissoras universitárias aumentou consideravelmente. No entanto, os poucos recursos investidos resultou em uma programação quase que totalmente baseada em música e, em menor número, programas jornalísticos. Como destaca Assumpção (2002), como a publicidade é proibida e as emissoras não podem vender espaços e nem contratar comerciais ou patrocínios, como fazem as emissoras convencionais ou comerciais, isso acaba que dificultando a

¹ Trabalho apresentado no DT6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac. wagnercostas@hotmail.com

manutenção dessas emissoras, uma vez que as rádios universitárias são mantidas com o dinheiro da própria universidade.

Apesar das dificuldades de manutenção, as rádios universitárias têm se constituído em importantes espaços de formação para estudantes. Spenthof (1998), explicita quatro funções que caracterizam as emissoras universitárias: a divulgação da produção universitária, a canalização da política de extensão das universidades, a atividade laboratorial e a democratização da comunicação e do conhecimento.

Como veículo de atividade laboratorial, a rádio universitária preenche um espaço que permite aos estudantes vivenciarem a rotina de uma emissora de rádio, produzindo programas, discutindo a relação com as teorias vistas em sala de aula, experimentando formatos e tendo contato com as fontes de informação, entre outros benefícios provenientes de atividades práticas.

A atividade laboratorial desenvolvida em uma rádio que, além de universitária, é pública, prepara diferenciados profissionais de comunicação para que estejam aptos ao intercâmbio de ideias políticas e sociais, abertos à pluralidade e que tenham compreensão para executar um serviço voltado ao interesse educativo e cultural da sociedade. Dentro dessas emissoras, estes futuros profissionais terão uma visão democratizadora da comunicação, pois é permitido fazer – e somente neste espaço isto é possível- um trabalho que deve estar a serviço da sociedade e não para o consumo da sociedade como fazem as emissoras comerciais (DEUS, 2013).

Como espaço de formação não ligado a grupos políticos e econômicos, que muitas vezes limitam o fazer jornalístico nas emissoras tradicionais, impondo pautas e formatos que serão mais facilmente digeridos pelo público, a rádio universitária torna-se um espaço de fruição, de liberdade criativa, de ousar. Deus (2003) diz que “as rádios universitárias públicas não podem estar voltadas à divulgação de uma só forma de expressão, de cultura, de arte ou pensamento, mas sim, especialmente, a todas aquelas que os modelos de radiodifusão comercial ignoram”.

Dessa forma, as atividades laboratoriais desenvolvidas nesses espaços não devem ser mera reprodução de formatos e técnicas já consagradas, pois esse deve ser um espaço de reflexão, de contestação desses formatos e técnicas, o que propicia uma formação mais crítica permitindo que os acadêmicos tenham diferentes olhares para o que acontece no mercado de trabalho.

Tornar a rádio universitária um laboratório é importante para as Faculdades de Comunicação, já que toda sua estrutura pode servir

para que os estudantes tenham um exercício prático pautado pela qualidade, pela resposta do ouvinte, pelo rigor e velocidade da informação e pela responsabilidade. (DEUS, 2003).

Spenthof (1998) salienta que as atividades laboratoriais são o exercício de experimentação, de aplicação de conhecimentos, de atividades práticas e propiciam a realização de notáveis operações e transformações na formação e no mundo do estudante. Dessa forma, verifica-se a importância desses espaços dentro dos cursos universitários, pois o estudante não deve ser preparado para reproduzir o que já existe no mercado, mas ser levado a olhar criticamente para o que já existe, olhar que é aperfeiçoado durante a realização de atividades laboratoriais. Vieira Junior (2002) defende que é na escola que o estudante tem a oportunidade de analisar, refletir e elaborar críticas à mídia, com a liberdade resultante da distância da pressão empresarial e profissional.

Saliente-se que tornar a escola de jornalismo como um espaço também da prática, que coloca os alunos acadêmicos em contato com fontes, com formatos, com a produção de conteúdo faz parte de um movimento que ganhou força no ano de 1969. O Período foi marcado pela regulamentação da profissão e a desvinculação do curso de Comunicação das faculdades de Filosofia

Em 1969, com a regulamentação da profissão, exigindo o diploma para o exercício da profissão e a pressão dos sindicatos de jornalistas para o fim do estágio, levaram alguns cursos de Jornalismo a implantarem o jornal laboratório impresso como atividade jornalística no sentido de incentivar e preparar o estudante para o mercado de trabalho, permitindo um aprendizado prático adequado com o embasamento teórico em sala de aula (VIEIRA JUNIOR, 2002).

Antes desse período, muito atrelados às Faculdades de Filosofia, os cursos de Comunicação destacavam maciçamente conhecimentos de cunho teórico, sendo as atividades práticas desenvolvidas, muitas vezes, por iniciativa isolada de alguns professores ou escolas, sem uma regulamentação feita pelo Ministério da Educação que definisse cargas horárias e estruturas adequadas para o ensino. Todavia, a regulamentação de atividades mais prática, não significa o abandono da teoria nos cursos. Como destaca Lopes (1989, p.36) “revestimento das disciplinas técnicas de uma base operacional teórica, o que pressupõe um corpo docente especializado e não a

simples presença de técnicos profissionais que levam para os laboratórios experiências particulares”

Ufac Rádio Web: uma discussão

A internet provocou inúmeros impactos na sociedade. Mudanças nas formas de relacionamento, no consumo, no mercado de trabalho, entre outras, são sentidas diariamente. No rastro dessas alterações, o campo da comunicação foi um dos que sentiu mais impacto tendo em vista, por exemplo, a redução no número de veículos impressos, o surgimento de sites e portais de notícia e as novas formas de consumo de conteúdo fomentadas pelos *smartphones*. Para Castells (2003, p.8) “a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”.

Nesse cenário de transformações, a comunicação via rádio também foi afetada. Meditsch (2001) já alertava que:

O velho fantasma da extinção do rádio ronda mais uma vez os nossos estúdios, trazendo angústias e incertezas a seus profissionais e gerando confusão entre os estudiosos do meio. Agora, a ameaça se chama internet, o fenômeno que parece querer subjugar o mundo nesta virada do milênio, devorando todas as mídias que o antecederam, até mesmo a televisão, até há pouco tão garbosa no seu domínio sobre a civilização. Diante de tal poder e voracidade, quem tem chance de sobreviver? Alguém é louco de apostar no rádio? (Meditsch, 2001)

No entanto, a mesma internet que pode ser vista como um vilão, capaz de destruir postos de trabalho, sumir com determinadas mídias, traz novos ares para o jornalismo. Caldas (2009) destaca que o ensino de Radiojornalismo é uma das inquietações constantes de alguns professores diante de mudanças socioeconômicas e de impactos provocados por novas tecnologias. Nesse cenário de incertezas, no qual têm lugar transformações também no Jornalismo, um dos atores de destaque são os meios de comunicação e a sua relação com a internet.

O surgimento da web rádio é um dos exemplos que vem permitindo a prática dentro das universidades e dando voz a grupos que não tem poder aquisitivo para investir nas emissoras da grande imprensa. Com o avanço das conexões de banda larga e o aperfeiçoamento dos serviços de *streaming*, esse tipo de meio de comunicação é cada vez mais comum. Além do mais, a prática de atividades na internet prepara o futuro jornalista para atuar em um cenário em constante mudança.

No curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre a implantação da rádio web deu-se no dia 30 de outubro de 2012. A ação foi possível por meio de uma parceria entre o curso, o Núcleo de Tecnologia da Informação e a Assessoria de Comunicação da Universidade. A iniciativa partiu da professora Aleta Dreves, coordenadora do curso à época, e dos técnicos de laboratório Emanuely Falqueto e Daniel Dias.

Tínhamos um grande volume de produção dos alunos e precisávamos de um espaço para que os alunos pudessem mostrar suas produções. A gente queria fazer algo, fazer com que os estudos mostrassem o que estavam aprendendo no rádio e que estavam colocando em prática. Foi assim que surgiu a rádio. (Dreves, 2017, entrevista)

A estrutura atualmente compreende uma sala com tratamento acústico, microfones, uma mesa de som, um computador que serve como banco de música e outro que funciona como servidor. A estrutura já é melhor do que a rádio tinha no período da sua fundação.

Nossa preocupação no começo era ter uma acústica legal, como no começo o espaço da rádio era dividido com as atividades de telejornalismo, a acústica não era ideal para o rádio. Com a luta da professora Aleta junto à Reitoria, conseguimos melhorar os laboratórios. Outra luta nossa era para que a rádioweb tivesse um provedor adequado para transmitir, mas para isso tinha que ter bons materiais, o que só foi conquistado depois da inauguração. (Dias, 2017, entrevista)

Ainda de acordo com Dias, uma web rádio não necessita de muitos equipamentos. É possível desenvolver uma sem grandes investimentos e aproveitando o que se tem, como por exemplo: elementos de hardware: computador, elementos de software, um player e algum sistema de *streaming* para permitir o envio do conteúdo de rádio através da rede e, por último, o elemento de comunicação, uma conexão de internet, preferencialmente banda larga, para garantir melhor qualidade sonora.

Além de possibilitar a divulgação do trabalho dos alunos do curso, a idéia surgiu também em um momento de expansão da internet e das rádioweb pelo país. Além do mais, com a escassez de recursos recorres nas universidades públicas, a rádio na internet possibilita que o trabalho seja implantado com um custo considerado baixo se comparado com as rádios tradicionais. No entanto, saliente-se, que mesmo antes da chegada da internet, a produção em rádio apresentava um menor custo se comparado aos conteúdos produzidos para a televisão, por exemplo.

A produção radiofônica é mais barata do que a televisiva, justamente por ser menos complexa. Se levarmos em consideração o grande número de pessoas que recebe a mensagem radiofônica, esse custo de produção se dilui, tornando o rádio o meio de mais baixo custo de produção em relação ao público atingido. (ORTRIWANO, 1985, p79)

No entanto, apesar de possibilitar que a relação teoria e prática aconteça, pois permite aos alunos o contato com a prática radiofônica e a experiência de uma transmissão de rádio, onde podem participar tanto como espectadores quanto como transmissores de conteúdo, a iniciativa sempre sofreu com programações esporádicas, em horários irregulares e sem bolsistas ou professores dedicados exclusivamente para desenvolver o veículo. A descontinuidade fica evidente na fala da professora Aleta Dreves.

Em vários momentos o projeto cumpriu seu objetivo, mas com um tempo o projeto foi morrendo. Não houve um envolvimento grande dos alunos como a gente achou que teria no início. Dessa forma o projeto foi morrendo, morrendo, e hoje nem sei como que ‘ta’. (Dreves, 2017, entrevista)

A falta de interesse dos alunos para produzir conteúdo para a rádio fica evidente também na fala do técnico em laboratório, Daniel Dias, responsável pela manutenção da emissora.

Hoje a nossa programação é basicamente música, os trabalhos que veiculamos são de produtos realizados pelos professores nas aulas, não tem como manter a rádio com conteúdo 24 horas. A gente passa muita música e, quando tem conteúdo, a gente transmite, mas falta mais envolvimento dos alunos, maior mobilização. (Dias, 2017, entrevista)

Entre a fala da professora Aleta Dreves e do técnico Daniel Dias, a pouca mobilização e interesse dos alunos foi um ponto em comum. No entanto, Daniel Dias afirma que o veículo é pouco conhecido até mesmo dentro curso, o que pode provocar o pouco desinteresse dos alunos para produzir. “Falta divulgação da rádio, as pessoas não conhecem. Os professores fazem a sua parte pedindo atividades nas disciplinas, mas os alunos podiam divulgar mais a rádio e seus produtos”. (DIAS, 2017, entrevista)

Professora das disciplinas de radiojornalismo, Tatyana Sá de Lima também reconhece a pouca utilização da rádio web.

Quando foi ela criada, foi pensada para ser um espaço de atividades prática que seria mantida pelas produções dos alunos, mas ainda não conseguimos fazer isso. Ainda não conseguimos ter um número de produções capaz de manter a rádio no ar. Ainda é um projeto (Lima, 2017, entrevista)

A professora destaca que a produção está intrinsecamente ligada às disciplinas de rádio do curso.

Produzimos em radiojornalismo 1 programas de comportamento, musicais, de interesse geral, que são transmitidos pela rádio. Em radiojornalismo II, fazemos programas de debate e de grandes reportagens. Já tivemos debates sobre liberdade de expressão, aborto, e demais temas importantes. Mas ainda não conseguimos ter uma programação linear, que vá ao ar todos os dias. (Lima, 2017, entrevista).

A professora enumera outros problemas que dizem respeito a pouca produção para a rádio.

A nossa principal dificuldade é de estrutura física. O servidor tem muito problemas, passa dias sem funcionar, temos também falta de pessoal. Deveria ter um só para a rádio, para editar programas, matérias, mas a gente que agora não é possível. O espaço também é pequeno, cabe pouca gente no estúdio. Temos uma estrutura boa, mas que podia ser melhor. (Lima, 2017, entrevista)

No cruzamento das falas dos entrevistados, percebe-se que, por mais que os custos de criação e manutenção de uma rádio na seja menor que o de uma rádio convencional, eles existem. É preciso pessoal, equipamentos e estrutura, algo que se percebe ainda não foram alcançados pela rádio web da Ufac.

Todavia, a professora Tatyana Lima afirma existem pontos positivos no projeto. Um dos pontos citados pela professora diz respeito ao contato dos alunos com a prática e o público. Foi por meio da rádio que muitos alunos, alguns deles hoje já inseridos no mercado de trabalho, puderam ter uma prévia das dificuldades enfrentadas no cotidiano jornalístico.

Como início da consolidação da Ufac Rádio Web, o conhecimento teórico pôde, enfim, ser aliado ao conhecimento prático. Sendo isto o que se espera dentro de um curso de jornalismo: formar jornalistas com conhecimento teórico, capazes de serem críticos e ainda com conhecimento prático para enfrentar o mercado de trabalho. Tal propósito pôde começar a ser alcançado através da prática radiofônica dentro da Ufac Rádio Web. (Lima, 2017, entrevista)

Isso permite aos alunos uma prática profissional e pessoal em que todos podem exercer as funções existentes em um programa radiofônico. A chegada da rádio aprimorou as atividades acadêmicas aproximando ainda mais a realidade vivida em sala de aula com os processos praticados no mercado de trabalho. Outro benefício de acordo com Lima, foi a real motivação dos alunos ao saberem que as atividades práticas poderiam finalmente ser veiculadas, mesmo que somente via web.

A prática radiofônica os fez mais confiantes para enfrentar essas adversidades e utilizar o conhecimento crítico, teórico e prático para a solução de problemas, tais como: locução, conteúdo e audiência. E ainda é claro, trouxe a possibilidade de projeção de seus trabalhos e de toda a sua produção universitária que antes ficava limitada a sala de aula. (Lima, 2017, entrevista)

Após entrar no ar, a Ufac Rádio Web passou a veicular vários gêneros e formatos de programas produzidos pelos alunos. Em janeiro de 2014 foram transmitidos alguns debates ao vivo, mediados pelos alunos do 7º período de Jornalismo, sobre diferentes temas com a participação de profissionais e especialistas. Outros programas experimentais foram gravados, editados e alguns deles veiculados na web rádio. Pode-se mencionar alguns como: “Nos Embalos do Brega” programa musical que tratava da música brega e de seus principais artistas; o programa “Tatu Songs” que seguia a mesma linha de programação, mas voltado para trilhas sonoras de filmes e curiosidades sobre clássicos do cinema. Esses programas foram produzidos pela turma 2010 de jornalismo, como resultado da disciplina de Produção e Veiculação de Radiojornalismo II.

Também podem ser citados os programas mais voltados para o gênero jornalístico como é o caso do Jornal “O Vinte”, radiojornal com duração de apenas vinte minutos; “Cafê Cultural”, com entrevistas e músicas relacionadas a cultura local; o programa “Agora é que são elas”, que trazia a temática relacionada ao universo feminino; e “ Rádio Universitária”, que tratava de conteúdos de interesses da classe universitária.

Todavia, toda a produção não tem continuidade após o fim das disciplinas de rádio. Os programas não são desenvolvidos pelos alunos posteriormente, o que mostra um comportamento mais protocolar do aluno que faz as atividades visando apenas a

aprovação nas disciplinas, sem que tenha um real envolvimento com veículo rádio. Sem a continuidade dessas produções, a rádio continua sem uma programação própria.

De acordo com a professora Tatyana Lima, a Ufac Rádio Web foi pensada para funcionar como uma rádio para toda a comunidade, mas, “Infelizmente essa relação ainda é mínima, se limitando apenas ao universo de alunos e professores do curso e familiares”. Para a professora, seria importante a realização de projetos visando manter uma programação sem que dependa exclusivamente da realizada pelos alunos, que fossem produzidas independentes de ser atividades acadêmicas.

Para que a Ufac Rádio Web continue exercendo seu papel na formação de bons profissionais na área de comunicação, projetos de extensão poderiam ser criados visando uma programação linear que contemplaria alunos de diversos períodos, independentes das disciplinas e de suas avaliações acadêmicas. Vários formatos poderiam ser criados, desde programas musicais, noticiários e programas relacionados a projetos que estão sendo desenvolvidos dentro da universidade, como pesquisas de professores, alunos e técnicos. (Lima, 2017, entrevista)

Percebe-se na fala da professora da disciplina de rádiojornalismo que a radioweb mas sem a articulação com as atividades do curso e da universidade. Dessa forma, tornou-se uma extensão das atividades das disciplinas que se encerra a cada semestre, assim como mudam os alunos e as atividades são descontinuadas. Seria preciso, no caso, uma articulação maior para que a rádio efetivamente entrasse em atividade, com uma programação própria, para assim tornar-se um efetivo espaço para formação de futuros comunicadores.

Considerações

Nesse cenário de mudanças no qual estamos imersos, provocado pelo surgimento de mídias como internet, a formação universitária em jornalismo passa por severas transformações. O mercado de trabalho reivindica um profissional cada vez mais capacitado e preparado para procurar soluções em um mundo que é alterado em velocidade rápida. Dessa forma, faz-se necessário que as universidades possibilitem uma formação cada vez mais completa, com atividades que possam familiarizar o futuro jornalista com o mercado de trabalho, no entanto permitindo um olhar crítico sobre a realidade.

No âmbito da Universidade Federal do Acre, a criação da Ufac Rádíoweb foi encarada como um espaço que promovesse produção, divulgação e preparação de alunos para o mercado de trabalho. No entanto, percebe-se por meio desta pesquisa, que a iniciativa enfrenta inúmeros entraves para consolidar os seus objetivos iniciais. Arelada à disciplina de rádio, a emissora não teve ainda uma programação própria, ficando refém apenas dos produtos que não produzidos pelos acadêmicos para aprovação na disciplina. A pesquisa mostra que faltam mais profissionais para trabalhar na produção e edição dos produtos, divulgação da emissora e maior envolvimento dos alunos.

Referências

ASSUMPCÃO, Zeneida A. **Rádio Universitária: vetor de comunicação científica entre o especialista e o radiouvinte**. São Paulo. 2002. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade de São Paulo.

DEUS, Sandra de. **Rádios das universidades federais: função pública e compromisso laboratorial**. In: ANAISXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2003. Belo Horizonte: INTERCOM 2003. Disponível em: http://intercom.org.br/papers/nacionais/_2003/www/pdf/2003_NP06_deus.pdf. Acesso em 02 ago. 2016.

DIAS, Daniel. Entrevista concedida a Wagner da Costa Silva

DREVES, Aleta Tereza. Entrevista concedida a Wagner da Costa Silva.

LIMA, Tatyana Sá. Entrevista concedida a Wagner da Costa Silva.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo; Summus; 1989.

MEDITSCH, Eduardo. **O ensino de radiojornalismo em tempos de internet**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2001.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

SPENTHOF, Edson Luiz. **A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios**. In: Comunicação & Informação. Goiás: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás. 1998. v.1, n.1, jan/jun. Semestral. p. p 153-166.

VIEIRA, Antônio Júnior. **Uma Pedagogia para o jornal-laboratório**. 2002. Tese de doutorado, São Paulo, ECA/USP. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/doc/17272445/VIEIRA-Jr-Uma-pedagogia-para-o-jornal-laboratorio>>. Acesso em agosto de 2016.